

Salvações e Pluralismo de Orientação

Recensão do livro
Salvations: Truth and Difference in Religion,
de S. Mark Heim
(Maryknoll, N. Y.: Orbis Books, 1995, 242 p.)

O texto a seguir visa a uma apresentação resumida da contribuição de Mark Heim para a teologia cristã das religiões no que concerne à discussão entre pluralistas e inclusivistas. Heim é professor de teologia na Andover Newton Theological School, em Boston, tendo realizado extensivos estudos sobre a religião hindu e sobre o cristianismo asiático, podendo ser caracterizado como um teólogo inclusivista. Nossa preocupação foi a apresentação de suas idéias centrais, relacionadas à questão da salvação e sua proposta de um pluralismo de orientação. Não nos preocupamos em examinar detalhadamente sua revisão crítica de autores pluralistas, tendo somente nos limitado a apontar algumas das críticas às teses pluralistas em geral e, em especial, alguns temas de sua oposição a John Hick.

Heim endereça um paradoxo à discussão contemporânea, que para ele é a chave para desenvolvimentos futuros: segundo ele, as vozes mais insistentes que reivindicam a afirmação do pluralismo religioso parecem igualmente insistentes em negar que, em termos religiosos, haja ou deva haver alguma diversidade fundamental. As teorias pluralistas afirmam que as maiores tradições religiosas são, de maneira independente,

meios de salvação e que são igualmente efetivas na obtenção de um único fim humano. Essa conclusão mina o valor distintivo que pode ser atribuído ao particular ou ao específico das tradições, embora o respeito por essas mesmas tradições seja ostensivamente mantido.

Ele acredita que as teorias pluralistas vêm a si mesmas como um remédio contra um exclusivismo tóxico, no qual uma determinada tradição olha as outras como materialmente diferentes e, portanto, infrutíferas. Para muitos dos autores dessas teorias, essa é uma questão moral. Assim, os pluralistas reivindicam um afastamento da insistência sobre a superioridade ou finalidade de Cristo e do cristianismo, no sentido de um reconhecimento da validade independente de outros caminhos. Entretanto, Heim frisa que a “finalidade de Cristo” e a “validade independente de outros caminhos” não são mutuamente excludentes. Não é necessário desistir de um em prol do outro, a menos que se insista no fato de haver somente um único objetivo religioso efetivo. Para ele os objetivos ou metas de cada religião podem variar e os meios para alcançá-los são válidos *vis-à-vis* o objetivo estabelecido.

Heim é contra a suposição de uma metateoria neutra, de julgamentos feitos de cima das religiões e não entre elas. Critica também a tipologia das abordagens do pluralismo religioso, que considera coerente apenas a partir da premissa de que a salvação é uma realidade única, inequívoca. Para ele, a salvação é plural. Sua afirmativa é a de que há uma diversidade verdadeira do objetivo religioso real.

Heim sugere a hipótese de que os múltiplos objetivos e salvações religiosos fornecem uma base mais adequada para cada um dos três elementos que convencionalmente não são considerados compatíveis: a significância religiosa do estudo cuidadoso das tradições de fé, o reconhecimento das distintas verdades religiosas e salvíficas nas outras religiões e a validade do testemunho por parte do crente de cada tradição de fé da unicidade e superioridade da mesma em relação às outras religiões.

Dentro dessa perspectiva, Heim reivindica o que para ele seria um pluralismo religioso verdadeiro, que reconheça uma distinção dos vários fins religiosos. Sugere que, embora isso permita a validade do testemunho religioso, ao mesmo tempo é a única

base sobre a qual podemos supor que há uma verdade significativa distinta nas outras tradições. Diz ele que, quando o testemunho não tem sentido, é dúbio se o diálogo também tem sentido.

Heim realiza um discussão crítica das teorias mais significativas da teologia pluralista, buscando, ao final, delinear uma outra abordagem da diversidade religiosa. No primeiro capítulo ele lida com a dimensão filosófica da questão, em particular com o tópico do conhecimento religioso, avaliando a hipótese pluralista de Hick.

No capítulo dois, trata da história das religiões num diálogo com Wilfred Cantwell Smith, cujos argumentos em prol da teologia pluralista estão baseados na história das religiões.

No capítulo três considera o impacto do imperativo da justiça social na discussão do pluralismo, em especial o conceito de “ortopraxis” articulado por Paul Knitter.

No capítulo quatro, Heim tenta juntar os elementos críticos dos primeiros capítulos num resumo das dificuldades das visões pluralistas em geral.

Finalmente, Heim parte para estabelecer sua tese, que, segundo ele, tem um formato triangular, possuindo três lados que podem ser claramente distinguidos. Por um lado está um argumento sobre o *status* das teorias da diversidade religiosa. Por outro, o argumento em favor de um tipo de teoria da diversidade que se contrapõe aos outros. Finalmente, no terceiro lado há um exemplo particular - um exemplo cristão - do que ele considera um tipo legítimo de teoria.

Sumariando os três estágios teríamos então: a visão de Heim do *status* das metateorias da diversidade religiosa, que ele critica por considerar que as mesmas se encontram acima dos relatos religiosos do mundo e não entre eles; a argumentação a favor das teorias que reconhecem um pluralismo autêntico de horizontes religiosos alternativos; finalmente, tendo em vista a teologia cristã da religiões, o argumento em favor de um tipo de inclusivismo cristão e o reconhecimento da realidade das distintas metas religiosas.

Heim comenta o fato de que nas exposições dos vários autores sobre a teoria pluralista a palavra salvação nunca aparece no plural, fato esse que causa estranheza, uma vez que o tema constante nesses trabalhos é a diversidade. A salvação,

segundo ele, permanece um ponto de referência confortável e unitário e os autores revistos fazem da mesma uma constante universal e transcultural ao interpretar as tradições religiosas.

Heim cita uma autora, Grace Jantzen, que pontuou a falsa unidade que está implicada ao se transportar o termo “salvação” para a discussão inter-religiosa. Ele argumenta que nem todas as religiões possuem um conceito de salvação, que nem todas querem dizer a mesma coisa quando o utilizam, nem oferecem o mesmo caminho para obtê-la.

Ao trabalhar sua hipótese, Heim pretende estabelecer uma perspectiva dentro do inclusivismo, perspectiva essa que ele acredita ir além do mesmo tal como normalmente apresentado e que oferece a possibilidade de ampliar a credibilidade e a significância das autodescrições das várias religiões. Para tal, vai oferecer sua hipótese mais pluralista: a argumentação de que pode haver uma variedade de diferentes realizações e salvações religiosas reais.

Heim critica a posição pluralista por não privilegiar uma religião em detrimento de outras. Ele questiona as duas afirmativas sobre as quais a tese de Hick se baseia: o dogma metafísico de que só pode haver um objeto religioso e o dogma soteriológico de que só há um horizonte religioso, o qual é utilizado para testar a validade das tradições religiosas. Assim, o fundo das grandes religiões está ancorado num objetivo comum e num processo salvífico comum. Para Heim, essa crença na transcendência como um padrão comum é uma perspectiva meta-religiosa.

Paul Knitter revisa sua abordagem teocêntrica da teologia das religiões em favor do “soteriocentrismo”, com sua pressuposição de uma única “soteria” absoluta; segundo Heim, em sua teologia das religiões, ao falar em salvação, ele não dá atenção às várias visões da realização humana suprema, mas a uma capacitação humana mínima, histórica e instrumental. Ele argumenta que não são as crenças, os rituais ou a prática os elementos que devem constituir a identidade cristã, mas sim a ação em favor da visão de justiça de Jesus.

Heim acha que aqui acontece uma proposição disjuntiva. Com “reino” ou “visão de justiça de Jesus” Knitter não preten-

de se referir ao material real atribuído a Jesus ou a normas modeladas sobre as narrativas de Jesus. Pelo contrário, é claro que “justiça” tornou-se uma quantidade à qual se chega por outros meios, primariamente por certos tipos modernos de análise social, seja marxista, weberiana ou durkheimiana, que se posicionam de forma neutra em relação às religiões. A definição de justiça e liberação é uma definição operativa que se origina de um período moderno e do contexto ocidental; conseqüentemente, para Heim, as definições de justiça podem também estar sujeitas à abusos ditados por um exclusivismo cultural. Embora Heim simpatize com o “soteriocentrismo”, ainda assim o considera inadequado, pois acredita que o mesmo está convencido de que as religiões são mais semelhantes a projetos sociais do que a doutrinas; seu ponto de vista distintivo do “soteriocentrismo” é a análise social moderna, a qual fornece a base normativa da condição de sofrimento e opressão humana. Heim possui a convicção de que qualquer força especial que as tradições de fé possam acrescentar às lutas específicas por justiça deve vir da força independente que a religião possui na vida humana.

À primeira vista, diz ele, o uso de um termo cristão tradicional para designar o padrão de julgamento de todas as religiões por aqueles que explicitamente nos advertem contra tais particularismos parece estranho. Entretanto, eles vêm a salvação como algo resumido, uma taquigrafia do processo que acontece dentro de todas as grandes tradições, embora não normativamente compreendido ou descrito em nenhuma delas. Hick chama esse processo de “transformação do auto-centramento para a centralidade no Real”, “um processo que conduz a possibilidades infinitamente melhores” para a humanidade.

A afirmativa não defendida de que há e pode haver apenas um fim religioso é um elemento constitutivo crucial das teologias “pluralistas”. Apesar de sua apropriação desse título, estas teologias para Heim não são de maneira absoluta religiosamente pluralistas, pois ele acha que a diferença nos objetivos e fins religiosos é o que elas se esforçam por negar.

Heim acha que o “Real” e a “possibilidade” que Hick toma como o verdadeiro objetivo e fim religioso são inteira-

mente não-funcionais. Não servem como fim religioso para ninguém. Tal como descritos por Hick, não podem especificar de forma concreta que tipo de pessoa devemos nos tornar para nos ajustarmos a eles. Além do mais, o material religioso que de fato constitui a prática e experiência humana é tratado como fundamentalmente extrínseco à verdade religiosa.

Uma hipótese mais pluralista, que afirmasse como religiosamente significativa uma porção mais substancial das várias tradições, abriria a possibilidade de afirmar as tradições religiosas como verdadeiras, de maneira muito mais concreta do que as teologias pluralistas afirmam. Essa hipótese significaria que as tradições em si mesmas não seriam substituídas por uma moldura filosófica colocada sobre elas. A chave para tal hipótese é a disposição de considerar mais do que apenas um horizonte religioso realizável. Tal abordagem seria consistente com os dados que os teólogos pluralistas revisaram e amparada por muitos de seus próprios argumentos, bem como por outros.

Acreditando que a perspectiva que propõe pode ajudar a ressaltar os elementos de particularidade e universalidade entrelaçados em cada tradição, o tratamento de Heim baseia-se no trabalho filosófico de Nicholas Rescher sobre o que esse chama de “pluralismo de orientação”. Embora Rescher esteja especificamente preocupado com o recente debate filosófico sobre objetividade e relativismo, seus argumentos fazem uma interseção com as questões do pluralismo religioso. Ele especifica um caminho para respeitar filosoficamente fatores “não-filosóficos” em nossa busca pela verdade. Chama a atenção para o dilema de como a filosofia pode reconciliar seu compromisso fundante com a verdade e a condição duradoura do pluralismo em todas as grandes questões.

Para Rescher a filosofia enfrenta seu próprio problema do pluralismo: parece existir não apenas uma verdade racional mas muitas. Isso coloca em questão a validade de todo o projeto filosófico. Resumidamente, a afirmação de Rescher é a de que a filosofia enquanto disciplina pode se acomodar a essa persistente falta de progresso unívoco, porém, ao mesmo tempo, reter a crença numa realidade unificada e o compromisso com os debates doutrinários mais rigorosos.

O pluralismo de orientação leva em conta uma possível resposta, entre outras, à situação filosófica, a resposta que afirma uma realidade multifacetada. Cada visão em competição fornece a verdade, mas nenhuma fornece a verdade total. A realidade é o tipo de coisa em relação à qual visões racionais contrastantes podem ser vistas como certas. Assim, o “pluralismo de orientação” afirma que a partir de uma dada perspectiva apenas uma única posição é racionalmente apropriada, mas devemos reconhecer uma diversidade de perspectivas. O ponto distintivo de sua visão está relacionado à sua insistência sobre o fato de que o filósofo correta e inevitavelmente progride inclinando-se para uma única visão da realidade. A argumentação e o questionamento podem operar a partir de uma perspectiva. A partir de uma dada perspectiva há, de forma definitiva, apenas uma conclusão racional defensável. Tentamos descobrir essa conclusão, e na medida em que acreditamos tê-lo feito podemos, corretamente, afirmar que ela é mais válida do que as conclusões alcançadas a partir de outras perspectivas. A visão perspectivista afirma um pluralismo irreduzível. As facetas podem ser combinadas, mas as perspectivas não.

Reconhecer uma diversidade de perspectivas nos permite dizer que afirmações contraditórias podem ambas ser verdadeiras ao mesmo tempo, para diferentes pessoas com perspectivas diferentes. Também nos permite dizer que duas coisas que não são logicamente incompatíveis podem ser mutuamente exclusivas para um indivíduo ou comunidade.

Na visão de Rescher, os valores epistemológicos têm a ver com os paradigmas que favorecemos, com aquilo que chamamos “conhecimento”. É muito diferente se nosso modelo de conhecimento é tomado da matemática (Spinoza) ou da literatura (Derrida). São esses valores epistemológicos que constituem uma orientação, daí o nome pluralismo de orientação. Portanto, o pluralismo de orientação afirma que nenhuma tese filosófica pode ser justificada sem a adoção de uma perspectiva valorativa. Afirmar uma tese é também adotar a orientação sobre a qual repousa sua garantia.

Não se pretende que o pluralismo de orientação seja uma descrição metodológica neutra de como a filosofia opera. Ele não é meramente uma descrição, mas um julgamento, é

francamente normativo e doutrinário. Ele diz que o reconhecimento de uma variedade de visões racionais é compatível com o compromisso doutrinário com uma dessas visões. Rescher argumenta que devemos afirmar a validade de nossa própria perspectiva no processo de exercitá-la. Seria irracional e desonesto argumentar de outra forma.

Em suma, o pluralismo de orientação insiste em que há apenas uma realidade e que tentamos conhecê-la. Ele não está comprometido com a consideração de outras visões como igualmente válidas, mas como sustentáveis a partir de diferentes perspectivas. Assim, pessoas que mantêm racionalmente visões contraditórias a partir de orientações diferentes estão justificadas em pensar que o outro está errado. “Podemos apenas perseguir a verdade cultivando a nossa verdade”. Proposições filosóficas não são opiniões, mas julgamentos.

Em sua crítica, Heim diz que as perspectivas pluralistas vêm a si mesmas como um relato mais válido da religião do que outros. Esse é um tipo de convicção apropriado (mesmo se incorreto) visto da perspectiva do pluralismo de orientação. Entretanto, os pluralistas se recusam a reconhecer quaisquer outras orientações, a partir das quais perspectivas alternativas seriam razoáveis. Nesse sentido, os pluralistas afirmam que não há nenhuma outra perspectiva legítima a partir da qual faz sentido ter qualquer outra convicção. Tais perspectivas, para eles, devem ser incoerentes ou imorais de alguma forma. Portanto, o pluralismo repete a dinâmica do forte exclusivismo ao qual se opõe: os que discordam não são racionais, não têm valor, ou ambos.

O pluralismo de orientação combina o compromisso da garantida justificabilidade do pluralismo na religião com uma visão mais positiva da prática efetiva do testemunho por parte dos crentes, quando esses louvam suas visões para os outros. É altamente cético em relação à prontidão em atribuir as atitudes religiosas diferentes à pura irracionalidade ou má-fé. Ele encoraja uma atenção séria aos pontos de vistas valorativos das religiões de seus vizinhos, já que o desenvolvimento da própria verdade só pode proceder daquilo que vemos como digno de valor nas outras religiões.

Heim se utiliza do *insight* de Jonh Cobb sobre o diálogo inter-religioso. Na visão de Cobb, não há nenhuma razão

para que as tradições religiosas não tragam as convicções de unicidade e de validade universal de suas crenças para o diálogo inter-religioso. Isso não necessita ser posto entre parênteses. O que o diálogo torna possível para cada tradição é desenvolver a mais completa, rigorosa e inclusiva versão possível de suas distintas convicções e vida. Cobb assume que isso envolve necessariamente uma transformação para todas as tradições. De fato, ele não hesita em reivindicar a superioridade cristã - a reivindicação de que uma fé centrada em Cristo provará ter uma capacidade não ultrapassável precisamente para esse tipo de diálogo, inclusão e transformação. Ainda assim, ele veria como totalmente apropriado que pessoas de outras tradições fizessem reivindicações recíprocas.

A perspectiva de Heim estabelece uma alta prioridade para a capacidade de uma abordagem da diversidade religiosa que encontre validade nos padrões concretos das religiões e que, portanto, firme o valor intrínseco do estudo e do diálogo que lida com essa dimensão das religiões. Diz ele que a hipótese de que existe uma base para a realização de fins religiosos particulares nos leva a considerar o testemunho de outras tradições e de seus crentes com mais seriedade do que no caso de Hick. Na hipótese deste, uma vez que saibamos que uma religião representa mitologicamente um transcendente último, uma possibilidade ilimitadamente melhor, e que seus crentes manifestam em alguma proporção alguns sinais de auto-transcendência, sabemos tudo que o que é preciso saber religiosamente sobre ela. Isso não requer, nem mesmo encoraja qualquer familiaridade detalhada e contínua com o relato substantivo da própria religião.

Heim argumenta que, por outro lado, a hipótese de múltiplos horizontes religiosos "relativiza" cada caminho de fé de maneira diferente. Tal hipótese afirma que mais de um caminho pode ser verdadeiro em seu relato de si mesmo e que essas verdades são distintas, isto é, relativiza cada religião precisamente por sua relação real uma com a outra. Isso contrasta com a relativização das tradições na hipótese de Hick, que as refere ao seu postulado absoluto, que como tal não figura na vida religiosa de ninguém. A hipótese mais pluralista presume, portanto, que a realização religiosa está disponível

para todos, mas que não deve haver uma realização idêntica, como afirmam Hick e outros. Para Heim, a tese de um fim religioso idêntico para todos pode ser proposta com mais impunidade num mundo vindouro, mas não no mundo atual. Entretanto, para ele, tal tese não é persuasiva se levarmos a sério o componente linguístico-cultural de toda a experiência.

Heim tenta exemplificar sua visão utilizando alguns exemplos concretos. Diz ele que, para participar das distintas dimensões da realização religiosa do Budismo nessa vida, não há outro caminho senão o budista. O mesmo é verdade para cada tradição. De fato, isso pode ser visto como uma verdade complementar ao fato de que qualquer tentativa séria de compreender o caráter de uma tradição requer uma imersão em sua história única, suas práticas, textos e crenças. Aqui novamente a hipótese de múltiplos fins religiosos é coerente com a ênfase na importância da textura concreta das religiões.

Heim diz que Hick, por exemplo, dirá que o *nirvana* e a comunhão com o Deus pessoal após a morte são crenças contraditórias. Assim, ele afirma que temos apenas três opções: tais crenças religiosas são todas sem sentido; uma é verdadeira e as outras falsas; ou o verdadeiro conteúdo da religião está num plano muito acima dos termos de tais contradições. Porém, para Heim isso depende de uma pressuposição não-pluralista. *Nirvana* e comunhão com Deus são contraditórios se assumimos que um ou o outro devam ser o único destino para todos os seres humanos. Certamente que eles não podem ser verdade ao mesmo tempo, para a mesma pessoa. Mas para pessoas diferentes ou para a mesma pessoa em tempos diferentes, não há contradição no fato de ambos serem verdadeiros.

Heim argumenta que todas as teorias da religião são, por natureza, exclusivistas ou inclusivistas. Para ele, o pluralismo de orientação é consistente com virtualmente todas as variedades do inclusivismo. O elemento-chave é o reconhecimento de outras orientações e da capacidade de defender outras visões a partir dessas orientações. Tais inclusivismos podem - e frequentemente o fazem - assumir que outras visões defensáveis irão por fim se dissolver no reconhecimento e na realização do horizonte religioso da tradição de origem do inclusivista, caso os crentes dessas outras tradições venham a conseguir a salvação.

A classe mais limitada de inclusivismo à qual Heim se refere estende o pluralismo um passo adiante. Embora esse inclusivismo continue a ver no centro o horizonte religioso supremo de sua tradição, ele se dispõe a considerar a possibilidade de que bens penúltimos (em sua visão) possam perdurar como realizações religiosas daqueles que buscam vários horizontes religiosos. Assim como o pluralismo de orientação reconhece que podem ser estabelecidos razoáveis casos conflitantes por conta de diferentes orientações, um inclusivismo pluralista não vê nenhuma razão que impeça que essas diferenças sejam mantidas através da situação histórica e escatológica das realizações religiosas.

Em termos filosóficos as opções são abertas. Pode haver muitos reais inefáveis e apenas um deles verdadeiramente supremo, no sentido de excluir ou ser a base dos outros. Pode haver de fato apenas um real inefável verdadeiro, subsistindo igualmente na realização dos vários fins religiosos e igualmente descrito ou não descrito pelas várias tradições. Ou pode haver muitos reais inefáveis coexistentes, nenhum deles verdadeiramente supremo. Qualquer dessas afirmações metafísicas poderia ser consistente com a afirmação de que, por exemplo, *Sunyata* e Deus são ambos inefáveis e ambos reais, e que a realização humana do primeiro e a comunhão com o outro são de fato possibilidades experienciais. Desse modo, ambos poderiam ser supremos religiosos funcionais. Enquanto que Hick estaria comprometido com a afirmação de que "*Sunyata*" e "Deus" são formas culturais mitológicas que representam o "Real", a hipótese de Heim presume que eles são inefáveis religiosos reais disponíveis para seus seguidores, embora não exclua a possibilidade de que um deles possa por fim estar subordinado ao outro, ou que ambos possam estar subordinados a algum outro absoluto.

A visão de Heim não exclui uma convergência escatológica de alguns objetivos religiosos, já que particularmente muitas tradições de fé afirmam tal possibilidade em termos inclusivistas. Entretanto, ele insiste que essa é um afirmação que deve ser proposta e defendida em cima de casos específicos. Uma afirmação primariamente pluralista de que um cenário escatológico no qual uma religião seria revelada como a única religião verdadeira

e as demais como falsas não somente é ofensiva para com as nossas sensibilidades, como também não consegue exibir uma continuidade suficiente com essa vida.

Heim acha que as abordagens religiosas inclusivistas que reconhecem diversos horizontes religiosos constituem o conjunto de respostas mais adequado à diversidade religiosa. De forma similar, delineia uma perspectiva teológica cristã, a qual considera uma das abordagens cristãs mais adequadas ao problema da diversidade religiosa. Ele começa por rever a posição inclusivista de Rahner, mas propõe uma mudança, sugerindo que os cristãos podem consistentemente reconhecer que algumas tradições englobam horizontes religiosos que são estados reais de transformação humana, embora distintos daqueles que os cristãos buscam. Há caminhos em variadas tradições religiosas que, se consistentemente seguidos, provam ser efetivos em trazer a seus crentes realizações alternativas. Segundo Heim, a questão crucial entre as religiões não é qual salva, mas o que conta como salvação.

Heim observa que os inclusivistas tradicionais olhavam outras tradições apenas para encontrar lá os elementos “incógnitos” do evangelho que poderiam conduzir as pessoas à fé cristã. Sua proposta acrescenta uma outra dimensão no sentido de reconhecer a verdade distinta e também os horizontes distintos das outras tradições. Ainda assim, permaneceria espaço para o inclusivismo clássico.

Finalmente, para Heim, incluir a dimensão dos diferentes horizontes religiosos é importante por várias razões. Ela desafia as tradições a levarem em conta em seus próprios termos a realidade de outras realizações religiosas. De forma também significativa, o reconhecimento dessa dimensão engloba uma compreensão de que existem pontos de vista a partir dos quais nosso próprio horizonte religioso pode ser razoavelmente visto como secundário ou penúltimo. Esse seria um aspecto crucial do pluralismo de orientação.

Sílvia Schwartz
Mestranda em Ciência da Religião/UFJF